

## ATIVIDADE ECONÔMICA

# Indicadores de indústria, comércio e serviços

## Sumário

O avanço de 0,9% do produto interno bruto (PIB) no segundo trimestre de 2023, na série dessazonalizada, embora tenha representado uma desaceleração em relação ao ritmo de crescimento verificado no período anterior (1,8%), surpreendeu positivamente nossas expectativas, que apontavam para um resultado mais modesto. Não obstante a performance extraordinária do PIB agropecuário no primeiro semestre do ano, outros fatores têm contribuído para atenuar os efeitos do ciclo de aperto monetário sobre a economia. Se, por um lado, a trajetória da maioria dos principais indicadores mensais de atividade aponta alguma desaceleração ao longo dos últimos meses, por outro, o cenário benigno do mercado de trabalho, juntamente com a desaceleração da inflação, entre outros fatores, segue estimulando o consumo de bens e serviços.

Entre os setores produtivos, a atividade industrial segue andando de lado, embora apresente alguma heterogeneidade entre os seus segmentos. Menos sensíveis aos efeitos da política monetária, as indústrias extrativas apresentam o melhor desempenho, embora as perspectivas para a demanda global venham deteriorando. Outro destaque positivo tem sido a atividade da construção, na qual os efeitos do encarecimento do crédito têm se refletido em uma desaceleração apenas gradual. Por sua vez, a atividade manufatureira enfrenta o cenário mais desafiador. Enquanto os efeitos do aperto monetário explicam o fraco desempenho da produção de bens de capital e de bens duráveis, a resiliência da demanda interna sustenta alguma melhora da produção de bens semi e não duráveis. Segundo a Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção da indústria seguiu um ritmo modesto ao longo dos sete primeiros meses do ano, acumulando queda de 0,4% ante o mesmo período do ano anterior. Após iniciar o terceiro trimestre com queda de 0,6% na margem, tendo por base os últimos dados disponíveis, a Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea) estima uma alta de 0,5% em maio na comparação dessazonalizada, com crescimento de 0,7% na comparação interanual.

A atividade de serviços permanece como um dos principais *drivers* para o crescimento do PIB. Mesmo num ritmo inferior à forte expansão registrada ao longo do ano passado, o setor sustenta trajetória positiva em 2023. Além da estreita interação com a dinâmica do mercado de trabalho, o consumo de serviços é menos influenciado pelos efeitos da política monetária contracionista. Além disso, o diferencial de inflação entre os chamados bens *tradables* e os *non-tradables* ajuda a explicar o

**Leonardo Mello de Carvalho**

Técnico de Planejamento e Pesquisa  
da Diretoria de Estudos e Políticas  
Macroeconômicas (Dimac) do Ipea

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

Divulgado em 02 de outubro 2023

bom desempenho da atividade. Com base na Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), do IBGE, a receita real de serviços acumula um crescimento de 4,5%, com destaques para os serviços prestados às famílias e de transporte. Após três altas consecutivas na margem até o mês de julho, a Dimac/Ipea espera um resultado estável em agosto, com alta de 2,3% ante o mesmo mês do ano anterior.

Por fim, o comércio de bens, embora com preços relativos menos atrativos *vis-à-vis* os preços dos serviços, continuam mantendo bom desempenho ao longo de 2023. Os destaques têm sido os segmentos mais dependentes de renda, particularmente os bens semi e não duráveis, beneficiados pelo retrato do mercado de trabalho e pela queda da inflação de alimentos. Apesar disso, verificou-se um avanço inclusive nos itens mais dependentes de financiamento nos últimos meses, como foi o caso do segmento de autoveículos e peças, estimulados pelas medidas de incentivo do governo. Com isso, de acordo com a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), do IBGE, as vendas no comércio varejista (conceito ampliado) acumularam, em termos anuais, um crescimento de 4,3% até julho de 2023. Em relação a agosto, a Dimac/Ipea espera alguma acomodação na margem (-1,5%), porém, com alta de 3,8% sobre o mesmo período de 2022.

Em termos agregados, entre os principais indicadores que buscam retratar o nível geral da atividade econômica brasileira em base mensal, o Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) e o Monitor do PIB, da Fundação Getulio Vargas (FGV), registraram crescimento acumulado no ano de 3,7% até julho, na comparação com o mesmo período do ano passado. Em relação a este último, a Dimac/Ipea estima uma queda em agosto de 0,3% na margem, compatível com uma alta de 1,5% ante agosto de 2022. Por fim, o quadro atual da atividade econômica se reflete no resultado das pesquisas de sentimento, que, após a queda generalizada ao longo do último trimestre do ano passado, tem registrado recuperação ao longo de 2023. De acordo com as pesquisas Sondagens Setoriais, da FGV, enquanto o Índice de Confiança Empresarial (ICE) atingiu o patamar de 94,8 pontos em agosto, aproximando-se do nível que indica otimismo, chama atenção o comportamento do indicador de confiança dos consumidores, que atingiu em setembro 97 pontos, o maior patamar do indicador desde janeiro de 2014, quando atingiu 98,5 pontos.

## 1 Resultados gerais

A maioria dos indicadores de atividade setoriais registrou crescimento no acumulado do ano até julho. O desempenho ao longo dos últimos meses, todavia, indica uma desaceleração nas taxas de crescimento na margem. Entre os principais setores, o destaque negativo continua sendo a produção industrial, que, segundo a PIM-PF, foi uma das poucas atividades a encerrar o mês de julho com queda na comparação acumulada no ano (-0,4%). Ao longo desse período, sua produção manteve um ritmo modesto de crescimento, evidenciado por uma trajetória próxima à estagnação na comparação dessazonalizada em médias móveis. O resultado em julho deixa um *carry-over* negativo de -0,5% para o terceiro trimestre (tabela 1). Já o comércio varejista (conceito ampliado), de acordo com a PMC, registrou um desempenho mais positivo, acumulando, em termos anuais, um crescimento de 4% nos primeiros sete meses de 2023. Porém, após a queda de 0,3% em julho, na comparação dessazonalizada, sua trajetória em médias móveis registrou a quarta desaceleração consecutiva. Com isso, o *carry-over* para o terceiro trimestre ficou em 0,4%. Por fim, segundo a PMS, a receita real de serviços apresentou um crescimento de 4,5% no acumulado do ano, quando comparado ao mesmo período de 2022. Em contraste com os demais setores produtivos, sua trajetória em médias móveis na margem aponta para uma aceleração. Com o avanço de 0,5% na margem registrado em julho, o setor inicia o terceiro trimestre com um *carry-over* de 1,1%.

O comportamento dos indicadores que buscam sumarizar a atividade econômica brasileira apresentou resultado similar ao longo dos últimos meses. Enquanto o Monitor do PIB encerrou os sete primeiros meses de 2023

com crescimento acumulado de 3,4% em termos interanuais, o IBC-Br registrou alta de 3,2%. Ambos os indicadores apresentaram desaceleração ao longo dos últimos meses, com queda em julho na comparação em médias móveis. Ainda em termos agregados, o desempenho da atividade em julho foi caracterizado por um nível de difusão abaixo de sua média histórica, situada em 51,3%. Na comparação com junho, já excluídos os efeitos sazonais, 50,4% dos segmentos registraram variação positiva, ante 51,3% no período anterior. Com base na análise em médias móveis de três meses, o indicador de difusão atingiu 51,3% em julho, resultado que representou o segundo recuo consecutivo na margem (gráfico 1).

TABELA 1  
Indicadores de atividade econômica: evolução recente das taxas de crescimento (Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado					Contra igual período do ano anterior					Acumulado		
	Trim. móvel Abr./23	Trim. móvel Maio/23	Trim. móvel Jun./23	Trim. móvel Jul./23	Carry-over (T3/23)	Trim. móvel Abr./23	Trim. móvel Maio/23	Trim. móvel Jun./23	Trim. móvel Jul./23	Carry-over (T3/23)	No ano	Em 12 meses	Carry-over (2023)
IBC-Br	3,7	1,9	0,7	-1,0	0,0	4,5	4,3	3,0	1,9	1,5	3,2	3,5	2,9
Monitor do PIB	4,5	3,5	0,8	-1,6	-0,7	4,1	4,2	3,4	2,7	2,2	3,4	3,2	3,1
PIB mensal Itaú	2,2	0,9	-0,3	-	0,1	3,1	3,0	2,6	-	2,9	3,3	2,6	3,2
PIM-PF	0,1	0,5	0,2	0,0	-0,5	-1,4	0,1	-0,2	0,3	-0,1	-0,3	0,0	-0,3
PMC ampliado <sup>1</sup>	5,1	4,7	1,7	0,4	0,4	3,9	4,8	4,6	5,9	6,8	4,0	1,1	5,2
PMC restrito	2,1	1,8	0,1	-0,1	0,6	1,6	0,9	0,2	0,9	2,1	1,3	0,9	1,9
PMS	-0,3	0,0	0,5	1,1	1,1	4,7	4,8	4,0	4,2	2,4	4,2	6,0	3,1

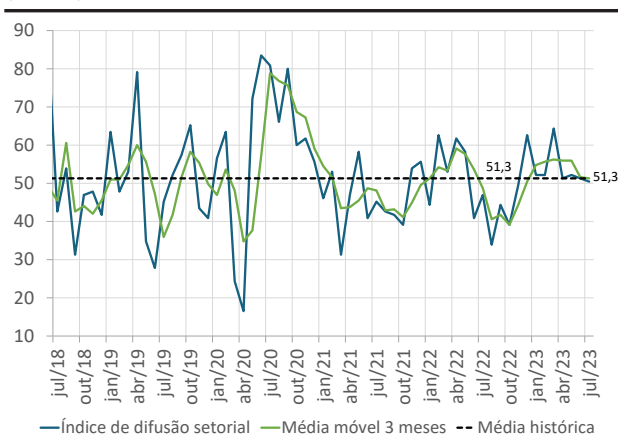
Fonte: IBGE; FGV; Ipea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: <sup>1</sup> Indicador do comércio varejista ampliado, incluindo as vendas de veículos, de materiais de construção, e de atacado de alimentos e bebidas.

Em relação aos resultados referentes a agosto, com base nas informações disponíveis até o momento, a Dimac/Ipea projeta um desempenho heterogêneo entre os setores. A produção industrial, que, apesar da trajetória de deflação nos preços dos insumos, continua mais impactada pelo aperto monetário, deve apresentar alta de 0,5% em agosto, na série sem efeitos sazonais. O setor de serviços, por sua vez, deve apresentar estabilidade na margem, com uma contribuição negativa do segmento de serviços de transporte. Para o setor de comércio, estamos prevendo uma redução tanto para as vendas no conceito ampliado quanto no restrito, com baixas de 1,5% e 0,6% na margem, respectivamente. Apesar do efeito positivo do aumento de massa salarial e da descompressão dos índices de preço, a queda de 3,2% estimada para as vendas de automóveis exerceu importante contribuição negativa para o resultado. Nesse contexto, esperamos um resultado negativo também para o Monitor do PIB na comparação dessazonalizada em agosto, com recuo de 0,3% (tabela 2).

GRÁFICO 1  
Atividade econômica: evolução do indicador de difusão setorial<sup>1</sup> (jul./2018-jul./2023) (Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: <sup>1</sup> O indicador de difusão setorial mede a porcentagem dos segmentos produtivos que registraram crescimento na comparação com o período anterior, já descontados os efeitos sazonais. Seu cálculo é realizado a partir do desempenho de 113 segmentos, definidos de acordo com as classificações utilizadas nas pesquisas setoriais do IBGE (PIM-PF, PMC e PMS).

TABELA 2

**Indicadores de atividade econômica: evolução recente das taxas de crescimento e previsões para agosto de 2023**  
(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado				Contra igual período do ano anterior			
	Maio/23	Jun./23	Jul./23	Previsão Dimac/Ipea Ago./23	Maio/23	Jun./23	Jul./23	Previsão Dimac/Ipea Ago./23
Monitor do PIB	-2,4	0,6	-0,3	-0,3	3,2	3,3	1,8	1,5
PIM-PF	0,3	0,0	-0,6	0,5	1,9	0,2	-1,1	0,7
PMC ampliado	-0,6	1,3	-0,3	-1,5	3,0	8,3	6,6	3,8
PMC restrito	-0,6	0,1	0,7	-0,6	-1,1	1,4	2,4	1,5
PMS	1,5	0,2	0,5	0,0	5,1	4,0	3,5	2,3

Fonte: IBGE, FGV e Ipea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 2 Indústria

Com base nos dados da PIM-PF, a indústria segue enfrentando o cenário mais atribulado, apresentando queda de 0,4% no acumulado do ano até julho, na comparação interanual. Ao longo desse período, sua produção manteve um ritmo modesto de crescimento na margem, evidenciado por uma trajetória próxima à estagnação na comparação dessazonalizada em médias móveis, com avanço nulo no trimestre encerrado em julho (tabela 3). A queda de 0,6% em julho, ainda na comparação dessazonalizada, deixa um *carry-over* de -0,5% para o terceiro trimestre. Entre as classes de produção, o cenário é mais restritivo para a indústria de transformação, que acumula uma queda no ano de 1,5%. Por sua vez, o desempenho do setor extrativo tem contribuído positivamente ao longo do ano. Refletindo os bons resultados da extração de petróleo e gás e de minério de ferro, a atividade acumula alta de 6% na mesma base de comparação.

TABELA 3

**Produção industrial (PIM-PF) e grandes grupos econômicos: evolução das taxas de crescimento**  
(Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado					Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Maio/23	Jun./23	Jul./23	Trim. <sup>1</sup>	Carry-over 3T	Maio/23	Jun./23	Jul./23	Trim. <sup>1</sup>	No ano	Em doze meses
Geral	0,3	0,0	-0,6	0,0	-0,5	1,9	0,2	-1,1	0,3	-0,4	0,0
Classes											
Indústrias Extrativas	1,3	2,9	-1,4	2,3	0,9	12,0	10,9	7,0	9,9	6,0	2,2
Transformação	-0,1	-0,3	-0,4	-0,5	-0,7	0,3	-1,6	-2,5	-1,3	-1,5	-0,5
Grupos Econômicos											
Capital	4,0	-2,3	-7,4	-5,7	-7,6	-11,3	-11,1	-16,9	-13,1	-10,8	-6,7
Intermediários	0,0	-0,3	-0,6	0,2	-0,7	3,1	1,8	0,0	1,6	-0,5	-0,3
Consumo	-0,7	0,1	1,4	0,3	1,3	2,4	-0,7	-0,7	0,3	1,8	2,0
Duráveis	9,2	-5,7	-4,1	0,8	-5,1	11,1	-4,0	-3,5	1,3	4,3	5,6
Semi e Não Duráveis	-1,0	0,7	1,5	0,5	1,6	1,0	-0,1	-0,3	0,2	1,4	1,3
Insumos da Construção Civil	0,1	0,4	0,0	0,7	0,3	-2,1	-1,5	-1,1	-1,6	-2,5	-3,6

Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

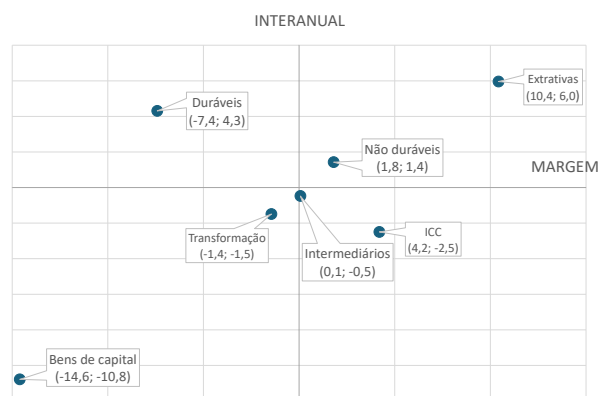
Nota: <sup>1</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

Entre os grandes grupos econômicos, o fraco desempenho em julho na comparação com ajuste sazonal ocorreu de maneira disseminada. Com exceção da produção de bens de consumo semi e não duráveis, que avançou 1,5% na margem, todos os demais recuaram nessa base de comparação. Os destaques negativos ficaram por conta dos grupos bens de capital e bens de consumo duráveis, que registraram quedas de 7,4% e 4,1% na passagem entre junho e julho, respectivamente. Tomando por base a comparação acumulada no ano, constata-se um cenário mais adverso para esses dois grupos, cuja dependência de financiamento é mais elevada. No

caso da produção de bens duráveis, embora o segmento tenha acumulado um crescimento de 4,3% no ano, seu desempenho ao longo dos sete primeiros meses em termos dessazonalizados aponta para uma queda acumulada de 7,4% na série dessazonalizada (gráfico 2). A situação é mais severa em relação à produção de bens de capital, cujo desempenho aponta para quedas de 14,6% e 10,8% nessas duas bases de comparação. Enquanto o grupo de intermediários segue de lado em ambas as comparações, os segmentos indústrias extrativas e bens de consumo não duráveis ocupam o quadrante superior direito, indicando crescimento positivo tanto ao longo do ano quanto na comparação com o mesmo período de 2022.

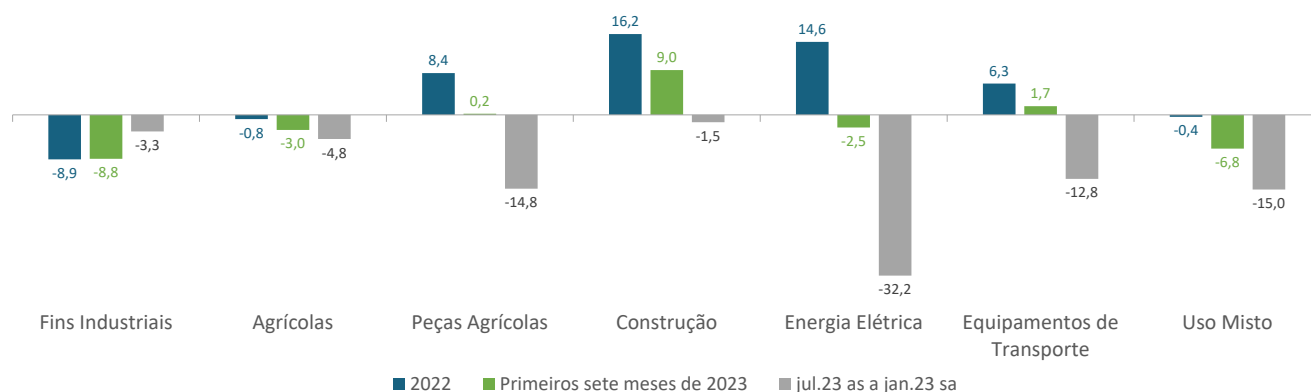
No que diz respeito à produção de bens de capital, a demanda interna medida pelo seu consumo aparente revela um quadro similar, embora menos negativo. Utilizando a mesma métrica de comparação anterior, ao longo dos sete primeiros meses de 2023, a demanda por bens de capital acumulou quedas de 8% na margem e de 6,4% em termos interanuais. Com base na classificação da produção de máquinas e equipamentos pelo setor de destino, é possível aprofundar a análise. Na comparação acumulada em doze meses, grande parte do crescimento da demanda por bens de capital em 2022 pode ser explicada pelo desempenho de quatro setores, a saber: i) o de peças agrícolas; ii) o de construção civil; iii) o de energia elétrica; e iv) o de equipamentos de transporte. Em contrapartida, o grande destaque negativo ficou por conta dos investimentos para fins industriais, que acumulou uma retração de 8,9% (gráfico 3). Ao longo dos primeiros sete meses de 2023, a demanda de máquinas e equipamentos para fins industriais continua registrando fraco desempenho, com quedas nos acumulados interanual e dessazonalizado. Em contrapartida, a construção civil se mantém como a principal demandante de máquinas e equipamentos. Embora tenha apresentado alguma acomodação no acumulado na série com ajuste sazonal, a demanda de bens de capital para a construção se encontra em um patamar 9% acima do verificado no mesmo período de 2022.

GRÁFICO 2  
Produção industrial, grandes grupos econômicos – taxas de crescimento acumuladas no ano (Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

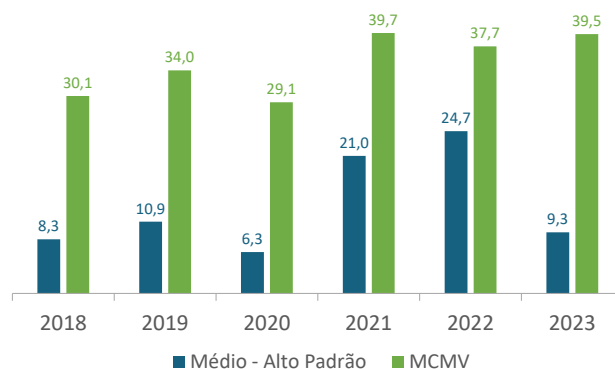
GRÁFICO 3  
Produção industrial, índices especiais: bens de capital por segmento – taxas de crescimento acumuladas (Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A atividade da construção civil, embora negativamente afetada pelo encarecimento do crédito, tem apresentado resultados positivos ao longo do ano. No contexto do Sistema de Contas Nacionais Trimestrais (STNC), por exemplo, o indicador mensal de construção civil, calculado pelo Ipea, registrou altas de 3% na comparação acumulada no ano e de 4,2% no acumulado em doze meses.<sup>1</sup> Olhando para os segmentos, com base nos dados da Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (Abrainc), o setor residencial vem mostrando resiliência. Na comparação acumulada no ano até junho, embora os lançamentos de alto padrão tenham arrefecido, a participação do segmento de baixa renda segue aumentando, possibilitando uma desaceleração mais suave (gráfico 4). Soma-se a isso o alívio da inflação de custos do setor, ajudando a preservar as margens das incorporadoras. Por fim, o lançamento do Novo Programa de Aceleração do Crescimento (Novo PAC) pelo governo federal potencializa o segmento da infraestrutura, em que está previsto R\$ 1,7 trilhão de investimentos a serem realizados nos próximos quatro anos, dos quais 22% (R\$ 371 bilhões) seriam custeados pelo orçamento geral da União, e o restante, oriundo de outras três fontes: i) da iniciativa privada (R\$ 612 bilhões); ii) de financiamento (R\$ 362 bilhões), por meio de concessões e parcerias público-privadas (PPPs); e iii) dos investimentos de estatais (R\$ 343 bilhões). Do total, planeja-se investir R\$ 1,4 trilhão até 2026 e R\$ 320,5 bilhões após 2026.<sup>2</sup>

GRÁFICO 4  
Lançamentos imobiliários: por segmentos – acumulado jan./23 a jun./23  
(Em mil unidades)



Fonte: Abrainc.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

A análise do desempenho setorial da indústria ao longo de 2023, segundo a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), revela um cenário com baixo nível de difusão. Entre os 24 segmentos que compõem a indústria de transformação, apenas sete registraram crescimento na comparação acumulada no ano em julho. Entre estes, excluindo aqueles com peso irrelevante, apenas dois também avançaram no acumulado dessazonalizado, a saber: outros equipamentos de transporte e produtos derivados de petróleo e biocombustíveis. A grande maioria registra quedas nas duas comparações, com destaques negativos para os segmentos máquinas, aparelhos e materiais elétricos e informática, eletrônicos e ópticos (gráfico 5).

Embora o cenário subjacente à atividade industrial ainda apresente alguns fatores limitantes, os entraves relacionados à escassez e ao encarecimento de insumos perderam força, e o setor tem se beneficiado de uma forte deflação nos preços ao produtor. Tomando por base os preços ao produtor medidos pela FGV, nota-se uma forte descompressão dos índices, em que a maioria dos grupos apresenta deflação na comparação acumulada em dozes meses até agosto de 2023, particularmente os preços dos bens intermediários e das matérias-primas brutas (tabela 4).

Para agosto, a Dimac/Ipea estima que a produção industrial tenha avançado 0,5% na comparação com março de 2022, na série sem efeitos sazonais, com alta de 0,7% ante o mesmo mês do ano passado (tabelas 5A e 5B). O resultado na margem contou com uma contribuição negativa das indústrias extrativas, que estimamos terem recuado 0,7%. Já a indústria de transformação deve registrar crescimento de 0,9% na mesma comparação. Entre os segmentos com peso relevante, os destaques ficariam por conta da produção de veículos, outros

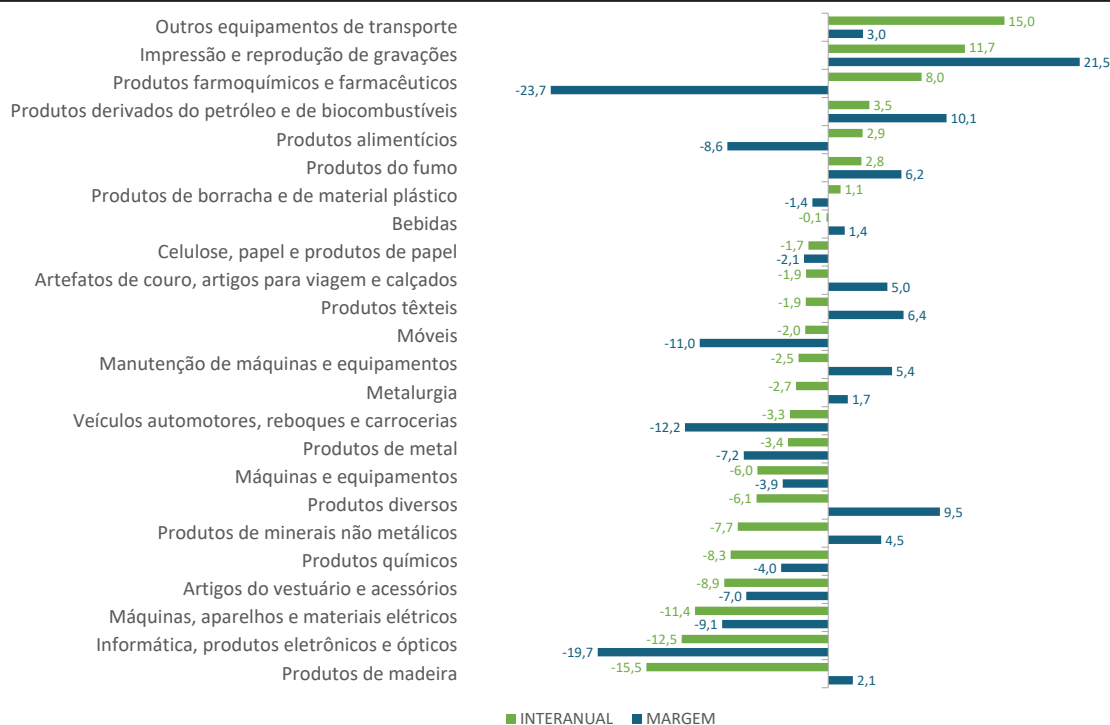
1. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2023/09/230927\\_cc\\_60\\_nota\\_31.pdf](https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2023/09/230927_cc_60_nota_31.pdf).  
2. Consultar box Consultar box 2 em: [https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2023/09/230929\\_cc\\_60\\_nota\\_33\\_visao\\_geral.pdf](https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2023/09/230929_cc_60_nota_33_visao_geral.pdf).

equipamentos de transporte e informática e eletrônicos, com altas previstas de 9,3%, 10,7% e 14,2%, respectivamente.

GRÁFICO 5

**Produção industrial, setores CNAE: taxas de crescimento acumuladas no ano**

(Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 4

**Índice de Preços ao Atacado (IPA): taxas de variação acumuladas**

(Em %)

	Set./21-Ago./22	Set./22-Ago./23
<b>IPA - todos os itens</b>	<b>8,9</b>	<b>-10,8</b>
<b>Bens finais</b>	<b>12,6</b>	<b>-2,1</b>
Bens de consumo duráveis	9,6	3,9
Alimentação	10,7	-3,4
Combustíveis	22,8	-27,5
Bens de consumo não duráveis exceto alimentação e combustíveis	13,0	3,7
Bens de investimento	15,0	3,7
<b>Bens intermediários</b>	<b>20,9</b>	<b>-13,1</b>
Materiais e componentes para a manufatura	11,8	-7,9
Embalagens	7,4	3,0
Suprimentos	25,0	-23,8
<b>Matérias-primas brutas</b>	<b>-4,6</b>	<b>-16,2</b>
Matérias-primas brutas agropecuárias	6,7	-19,7
Minerais	-33,1	-1,9

Fonte: FGV.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 5

**Indústria, setores produtivos: desempenho recente e previsão para agosto de 2023**

(Em %)

**5A – Variação ante período anterior dessazonalizado**

	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto
<b>Indústria geral</b>	1,1	-0,7	0,3	0,0	-0,6	0,5
<b>Indústrias extrativas</b>	0,3	-0,8	1,3	2,9	-1,4	-0,7
<b>Indústrias de transformação</b>	1,4	-0,7	-0,1	-0,3	-0,4	0,9
Alimentos	-0,2	-2,9	-2,3	-0,3	0,9	0,5
Têxtil	0,4	0,6	1,1	0,0	-0,1	0,5
Vestuário	-4,3	-0,3	-0,4	5,5	-8,0	13,6
Couro e calçados	3,4	0,5	4,6	-6,0	1,8	2,0
Celulose e papel	-0,3	0,1	-0,4	-0,4	0,6	-1,2
Derivados de petróleo e biocomb.	2,4	3,5	7,6	-3,4	0,7	-3,6
Químicos	0,3	0,5	-1,0	-0,4	0,2	2,0
Farmacêuticos	0,5	-0,7	-9,4	-8,6	8,2	5,8
Borracha e plásticos	0,4	-0,6	-0,1	1,7	-3,8	3,0
Minerais não-metálicos	1,6	-2,1	2,6	-0,6	0,1	0,9
Metalurgia	0,7	-0,8	2,2	-0,4	-0,8	-0,5
Metais	-1,0	-5,2	6,7	1,7	-4,8	5,0
Informática e eletrônicos	8,1	-10,1	0,1	-5,1	-12,1	14,2
Máquinas e materiais elétricos	1,8	-4,0	2,0	0,6	-1,4	1,9
Máquinas e equipamentos	7,1	-11,9	14,0	-5,6	-5,0	4,8
Veículos automotores	-0,6	-2,9	7,0	-3,4	-6,5	9,3
Outros equipamentos de transporte	3,0	-6,1	10,1	-5,9	-0,9	10,7
Outros produtos	-2,0	0,4	8,2	-3,4	-5,2	8,1
Insumos construção civil	0,5	0,1	0,1	0,4	0,0	1,8
	< -12,1	< -7,7	< -3,3	< 1,0	< 5,4	>= 9,8

**5B – Variação ante mesmo período do ano anterior**

	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto
<b>Indústria geral</b>	1,0	-2,7	1,9	0,2	-1,1	0,7
<b>Indústrias extrativas</b>	3,3	1,7	12,0	10,9	7,0	6,6
<b>Indústrias de transformação</b>	0,6	-3,5	0,3	-1,6	-2,5	-0,3
Alimentos	0,8	2,0	6,1	5,1	4,5	6,8
Têxtil	0,5	-4,8	-0,2	-1,4	-0,5	5,6
Vestuário	-7,1	-11,6	-10,0	-4,6	-9,6	2,4
Couro e calçados	-0,4	-2,1	-1,1	-9,4	2,5	5,6
Celulose e papel	-0,4	-1,9	0,9	-5,0	-5,7	-6,5
Derivados de petróleo e biocomb.	10,1	2,7	7,0	4,5	1,6	0,6
Químicos	-9,9	-12,2	-7,5	-11,1	-6,7	-6,0
Farmacêuticos	15,9	18,3	1,5	-8,7	-5,6	-0,9
Borracha e plásticos	4,0	0,1	-1,1	1,9	-3,7	-0,1
Minerais não-metálicos	-7,0	-10,6	-5,9	-5,4	-4,0	-4,7
Metalurgia	-3,9	-4,7	-1,0	0,3	-2,4	-3,4
Metais	-0,5	-8,7	-4,3	-1,3	-3,4	3,9
Informática e eletrônicos	1,7	-13,5	-13,6	-15,1	-25,3	-7,3
Máquinas e materiais elétricos	-4,3	-14,4	-16,4	-12,6	-10,1	-7,2
Máquinas e equipamentos	0,0	-14,2	-2,2	-6,7	-9,8	-6,4
Veículos automotores	-0,3	-6,9	2,8	-5,2	-9,5	-6,4
Outros equipamentos de transporte	22,3	17,0	23,9	10,1	9,8	22,4
Outros produtos	-6,9	-7,5	-1,5	-2,2	-8,1	-2,1
Insumos construção civil	-0,4	-5,2	-2,1	-1,5	-1,1	2,4
	= -25,3	< -17,1	< -8,9	< -0,7	< 7,5	>= 15,7

Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.



### 3 Comércio

O comércio de bens, embora com preços relativos menos atrativos *vis-à-vis* os preços dos serviços, continuam mantendo bom desempenho ao longo de 2023. Os destaques têm sido os segmentos mais dependentes de renda, particularmente os bens semi e não duráveis, beneficiados pelo retrato do mercado de trabalho e pela queda da inflação de alimentos. Apesar disso, verificou-se um avanço inclusive nos itens mais dependentes de financiamento nos últimos meses, como foi o caso do segmento de automóveis e peças, estimulados pelas medidas de incentivo do governo. De acordo com a PMC/IBGE, as vendas no comércio varejista (conceito ampliado) acumularam, em termos anuais, um crescimento de 4,3% até julho de 2023, acusando queda de 0,3% no resultado de julho, resultado que sucedeu alta de 1,3% no período anterior (tabela 6). Embora a trajetória em médias móveis aponte desaceleração ao longo dos últimos meses, o varejo ampliado iniciou o terceiro trimestre com *carry-over* de 0,4%. Excluindo as vendas de veículos, materiais de construção e o atacado de alimentos e bebidas, o chamado varejo restrito, por sua vez, registrou desempenho mais modesto nos primeiros sete meses do ano, acumulando alta de 1,5% ante o mesmo período de 2022. Na comparação em médias móveis, de modo similar ao verificado no conceito amplo, o segmento registrou alguma desaceleração no período recente.

TABELA 6  
**Vendas no varejo: evolução das taxas de crescimento**  
 (Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado					Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Mai./23	Jun./23	Jul./23	Trim. <sup>1</sup>	Carry-over 3º trim.	Mai./23	Jun./23	Jul./23	Trim. <sup>1</sup>	No ano	Em doze meses
<b>Comércio varejista ampliado<sup>2</sup></b>	-0,6	1,3	-0,3	0,4	0,4	3,0	8,3	6,6	5,9	4,3	2,3
<b>Comércio varejista restrito</b>	-0,6	0,1	0,7	-0,1	0,6	-1,1	1,4	2,4	0,9	1,5	1,6
1. Combustíveis e lubrificantes	1,5	-1,0	-0,1	-0,5	-0,2	10,8	9,2	-2,8	5,3	11,3	18,8
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-3,2	1,4	0,3	0,1	0,1	1,3	3,2	3,0	2,5	2,7	2,6
2.1 Hipermercados e supermercados	-1,1	1,2	0,4	0,3	0,8	1,4	3,4	3,0	2,6	3,1	3,0
3. Tecidos, vestuário e calçados	-2,8	0,7	-2,7	-5,7	-3,1	-18,2	-6,3	1,6	-8,5	-7,5	-9,6
4. Móveis e eletrodomésticos	-0,6	0,9	-0,9	-0,6	-0,5	0,4	2,7	3,4	2,1	1,4	-0,3
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	2,6	-0,3	0,1	3,3	0,8	7,6	4,7	6,5	6,3	3,0	3,8
6. Livros, jornais, revistas e papelaria	1,4	0,5	-2,6	0,8	-1,8	-5,6	-2,2	-7,3	-5,1	-0,7	3,7
7. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	1,3	-3,9	11,7	-0,5	9,3	-4,9	-8,8	6,9	-2,3	0,1	1,4
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-3,2	0,1	8,4	-2,2	7,4	-17,3	-14,9	-4,9	-12,5	-12,5	-11,1
9. Veículos, motos, partes e peças	2,3	8,8	-6,2	3,7	-0,2	1,5	17,8	9,8	9,5	6,0	2,2
10. Materiais de construção	-0,7	0,1	0,3	-1,1	0,2	-2,0	-2,4	-0,3	-1,6	-3,1	-5,8
11. Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-	-	-	-	-	18,3	21,4	19,6	-	3,1	-

Fonte: PMC/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

<sup>1</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

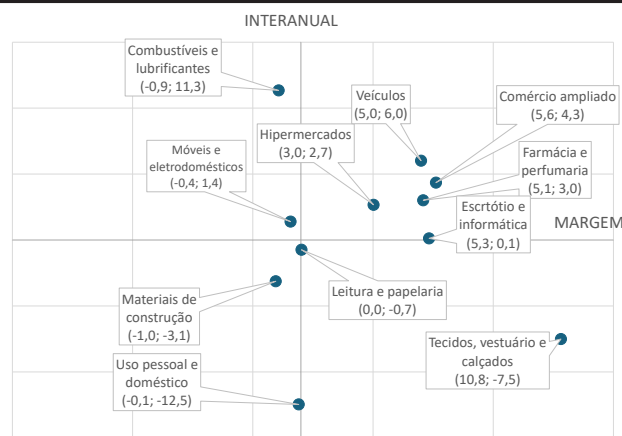
<sup>2</sup> O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 10.

<sup>3</sup> O indicador do comércio varejista restrito é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.

Assim como na comparação interanual, a trajetória do varejo ampliado na série dessazonalizada indica um crescimento positivo ao longo de 2023, tendo acumulado alta de 5,6% entre julho e janeiro deste ano em termos dessazonalizados (gráfico 6). Entre os segmentos que compõem a pesquisa, cinco terminaram os primeiros sete meses de 2023 acumulando variações positivas nessas duas métricas. Entre aqueles com peso relevante, destacaram-se as vendas em hiper e supermercados, que acumularam altas de 3,0% interanual e de 2,7% na margem, assim como vendas de automóveis, com altas de 5,0% e 6,0% nas mesmas bases de comparação. No quadrante inferior esquerdo, que indica o pior desempenho, observa-se acomodação do comércio de materiais de construção, com quedas acumuladas tanto em termos interanuais (-3,1%), quanto em termos dessazonalizados (-1%).

Ao longo dos primeiros sete meses de 2023, o bom desempenho das vendas no varejo tem chamado a atenção. Se, por um lado, a situação financeira das famílias segue pressionada, por outro, a dinâmica do mercado de trabalho continua contribuindo positivamente para uma trajetória crescente dos rendimentos, impulsionados tanto pelos indicadores de população ocupada quanto pelos indicadores de rendimento médio. Juntamente com os efeitos positivos do processo de decompressão das taxas de inflação em curso, a massa salarial real, acrescida das transferências de assistência e previdência realizadas pelos governos, tem gerado ganhos no poder de compra das famílias. Utilizando como deflator o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), tendo por base o período imediatamente anterior à pandemia, observa-se a importância da massa ampliada ao longo de todo o período. Após atravessar o pior momento da crise sanitária, a massa ampliada passa a registrar ganhos reais a partir de fevereiro de 2022, acumulando no período completo um crescimento de 38,8%, contra uma expansão de 24,6% do IPCA (gráfico 7A). Todavia, quando utilizamos como deflator os chamados bens livres, o cenário é menos benigno. Seguindo a mesma base de comparação, é possível perceber a maior pressão exercida pela inflação de bens ao longo do período. Após rodar acima da massa ampliada nominal entre novembro de 2021 e dezembro de 2022, a inflação começa a perder força em 2023, o que tem levado a aumentos reais da renda em termos de bens (gráfico 7B). Por fim, utilizando como deflator a inflação do grupo alimentos do IPCA, percebemos o forte ganho real da massa ampliada nos últimos doze meses terminados em junho deste ano. Como base na comparação acumulada dessazonalizada, a massa ampliada real exibe um ganho de 10,9% em termos dos preços dos alimentos (gráfico 7C). Afetando principalmente as famílias com renda mais baixa, este efeito positivo sobre o consumo de bens essenciais deve perdurar. Além disso, programas como o Desenrola Brasil tem como objetivo reduzir o peso das dívidas passadas no orçamento, liberando espaço para novas compras.

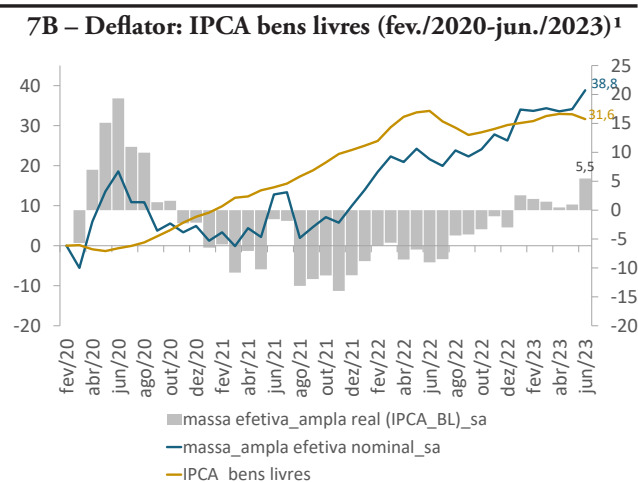
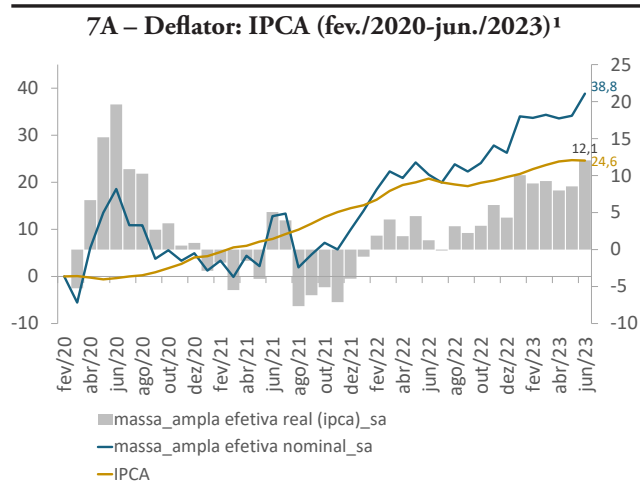
GRÁFICO 6  
Comércio: grandes grupos econômicos – taxas de crescimento acumuladas no ano (Em %)



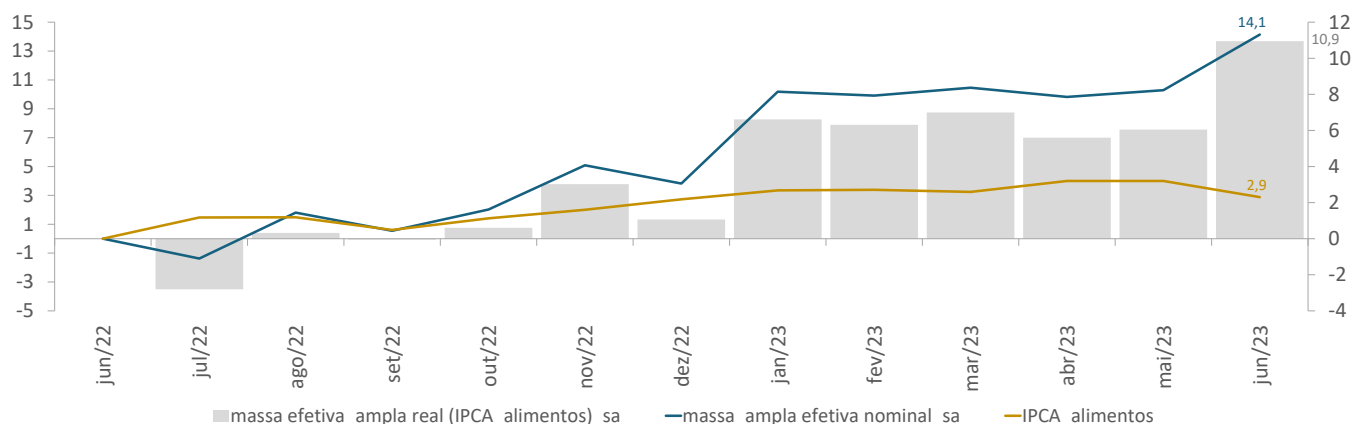
Fonte: Ipea e IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 7  
Massa ampliada real e seus componentes

(Séries dessazonalizadas, variação acumulada em %)



7C – Deflator: IPCA alimentos (jun./2022-jun./2023)<sup>2</sup>



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

<sup>1</sup> Base: fevereiro de 2020 igual a 0%.

<sup>2</sup> Base: junho de 2022 igual a 0%.

TABELA 7

**Comércio varejista: desempenho recente e previsão para agosto de 2023**

(Em %)

**7A – Variação ante período anterior dessazonalizado**

	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto
Varejo ampliado	5,0	-2,1	-0,6	1,3	-0,3	-1,5
Varejo restrito	0,7	0,0	-0,6	0,1	0,7	-0,6
Combustíveis e lubrificantes	0,0	-2,0	1,5	-1,0	-0,1	0,3
Hiper e supermercados	0,0	3,6	-3,2	1,4	0,3	-1,2
Tecidos, vestuário e calçados	-2,6	-2,5	-2,8	0,7	-2,7	0,2
Móveis e eletrodomésticos	0,7	-0,7	-0,6	0,9	-0,9	-3,5
Artigos farmacêuticos e perfumaria	0,9	0,8	2,6	-0,3	0,1	0,1
Veículos, motocicletas, partes e peças	4,0	-5,0	2,3	8,8	-6,2	-3,2
Material de construção	-0,5	-0,6	-0,7	0,1	0,3	-2,2

< -6,2	< -3,7	< -1,2	< 1,3	< 3,8	>= 6,3
--------	--------	--------	-------	-------	--------

**7B – Variação ante mesmo período do ano anterior**

	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto
Varejo ampliado	-0,6	0,7	0,0	8,8	3,1	3,8
Varejo restrito	0,4	2,8	1,1	3,3	0,5	1,5
Combustíveis e lubrificantes	23,8	26,7	19,9	14,3	8,7	-5,2
Hiper e supermercados	2,5	2,3	0,9	4,5	3,1	2,3
Tecidos, vestuário e calçados	-11,9	2,4	-8,9	-7,3	-11,0	-5,3
Móveis e eletrodomésticos	0,3	4,5	-0,7	2,7	-2,4	-3,5
Artigos farmacêuticos e perfumaria	0,8	-7,6	-0,7	7,1	3,0	6,4
Veículos, motocicletas, partes e peças	-1,8	4,7	-1,3	10,8	-1,9	1,2
Material de construção	-7,1	1,1	-5,7	-5,0	-7,6	-0,9

< -11,9	< -5,5	< 1,0	< 7,4	< 13,8	>= 20,3
---------	--------	-------	-------	--------	---------

Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Em relação a agosto, com base nos indicadores coincidentes divulgados até o momento, a Dimac/Ipea espera queda de 1,5% na margem, com alta de 3,8% na comparação interanual para o volume de vendas no varejo ampliado. No conceito de varejo restrito, esperamos também uma acomodação, com recuo de 0,6% sobre julho e alta de 1,5% sobre agosto do ano passado. Entre os segmentos com maior peso, os destaques negativos ficam por conta das vendas de veículos, motos e peças (-3,2%) e móveis e eletrodomésticos (-3,5%) (tabelas 7A e 7B).

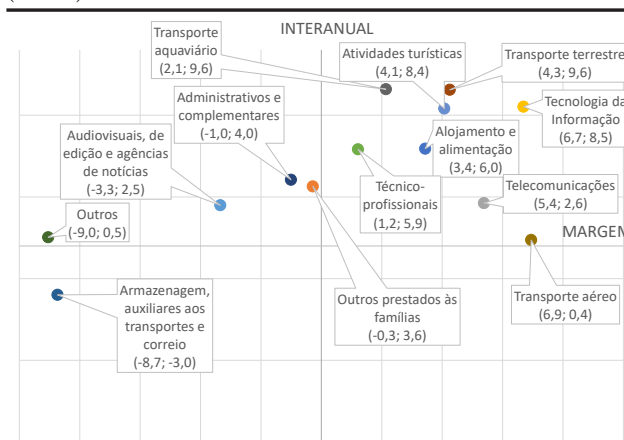
#### 4 Serviços

A atividade de serviços permanece como um dos principais *drivers* para o crescimento do PIB. Mesmo num ritmo inferior à forte expansão registrada ao longo do ano passado, o setor sustenta trajetória positiva em 2023. Além da estreita interação com a dinâmica do mercado de trabalho, o consumo de serviços é menos influenciado pelos efeitos da política monetária contractionista. Além disso, o diferencial de inflação entre os chamados bens *tradables* e os *non tradables* ajuda a explicar o bom desempenho da atividade. Com base na PMS, do IBGE, a receita real de serviços acumula um crescimento de 4,5%, com destaque para os serviços prestados às famílias e de transporte (tabela 8). Ao contrário das demais atividades, a comparação em médias móveis de três meses aponta um cenário de aceleração até julho, quando o setor cresceu 1,1% na margem. Com este resultado, o *carry-over* para o terceiro trimestre ficou em 1,1%. Entre os doze segmentos analisados, oito registraram crescimento acumulado até julho, tanto em termos interanuais quanto na margem. O grande destaque positivo ficou por conta dos serviços de tecnologia da informação, com altas de 8,5% e 6,7%, respectivamente (gráfico 8). Seu ritmo surpreende uma vez que o segmento também aparece como destaque na comparação com os níveis imediatamente anteriores à pandemia, acumulando um crescimento de 62,3% ante fevereiro de 2020 (gráfico 9). Impulsionada ao longo do primeiro trimestre pelo ótimo desempenho da produção agrícola, a atividade associada ao transporte terrestre de carga também ocupa posição de destaque. Entre aqueles que ainda exibem algum hiato em relação aos níveis pré-pandêmicos estão os serviços prestados às famílias e telecomunicações. O pior desempenho no gráfico de quadrantes ficou por conta do segmento de armazenagem. Após forte crescimento no mês de março, a atividade vem desacelerando e já acumula quedas em julho nas duas bases de comparação.

Além da estreita relação com o dinamismo do mercado de trabalho, o diferencial de inflação entre os chamados bens *tradables* e os *non tradables*, juntamente com a evolução dos níveis da massa salarial ampliada nominal, segue estimulando o forte crescimento do setor no período. Diferentemente do que aconteceu com o varejo de bens, o poder de compra das famílias, em termos dos serviços computados no IPCA, segue aumentando desde setembro de 2021 (gráfico 10).

Para agosto, a Dimac/Ipea estima que o volume de serviços medido pela PMS apresente estabilidade na série sem efeitos sazonais, atingindo patamar 2,3% acima em relação ao mesmo período do ano passado. Entre os cinco segmentos, os destaques ficam por conta das atividades de serviços prestados às famílias (0,2%) e de

GRÁFICO 8  
Serviços: segmentos – taxas de crescimento acumuladas no ano (Em %)



Fonte: Ipea e IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

serviços de informação e comunicação (0,7%) e os serviços profissionais (0,95%). Com o maior peso entre os segmentos, a maior contribuição negativa viria dos serviços de transportes e correio, com recuo de 1,8% na margem (tabelas 9A e 9B).

TABELA 8  
**Serviços (PMS): evolução das taxas de crescimento**  
 (Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado					Mês/Igual Mês do ano anterior				Acumulado	
	Maio/23	Jun./23	Jul./23	Trim. <sup>1</sup>	Carry-over 3ºTri	Maio/23	Jun./23	Jul./23	Trim. <sup>1</sup>	No ano	Em doze meses
<b>Total</b>	1,5	0,2	0,5	1,1	1,1	5,1	4,0	3,5	4,2	4,5	6,0
<b>1. Serviços prestados às famílias</b>	1,1	1,7	1,0	3,1	2,5	2,4	5,3	21,8	4,2	5,6	8,7
1.1 Serviços de alojamento e alimentação	0,1	1,4	1,8	2,5	2,7	2,3	5,2	22,7	4,5	6,0	8,7
1.2 Outros serviços prestados às famílias	0,7	4,3	-1,5	3,5	1,6	3,0	5,5	16,9	2,6	3,6	8,8
<b>2. Serviços de informação e comunicação</b>	1,0	-0,1	-0,2	0,7	0,1	5,3	5,1	3,1	4,7	5,1	4,6
2.1 Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	1,6	0,0	-0,3	1,2	0,2	5,1	5,7	3,7	5,0	5,4	5,0
2.1.1 Telecomunicações	0,6	-0,6	0,4	0,8	0,1	3,8	2,3	4,8	3,6	2,6	-1,0
2.1.2 Serviços de Tecnologia da Informação	1,3	-0,4	0,8	0,3	1,0	6,3	9,3	3,8	6,5	8,5	11,8
2.2 Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	4,3	-3,6	-1,6	-0,7	-2,7	7,4	1,2	-2,3	2,2	2,5	1,4
<b>3. Serviços profissionais, administrativos e complementares</b>	-0,6	1,1	-1,1	0,6	-0,6	3,8	4,0	3,2	3,7	4,3	5,7
3.1 Serviços técnico-profissionais	-8,5	4,3	-0,7	-1,8	-0,9	1,6	4,3	5,3	3,7	5,9	7,0
3.2 Serviços administrativos e complementares	2,6	-0,7	-0,5	1,1	-0,1	5,6	3,8	2,7	4,0	4,0	5,4
<b>4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio</b>	2,2	-0,4	0,6	0,5	1,1	7,2	4,6	2,5	4,7	5,1	8,2
4.1 Transporte terrestre	2,0	0,9	0,7	1,8	1,9	9,3	6,8	6,7	7,6	9,6	13,4
4.2 Transporte aquaviário	9,9	-7,6	0,5	2,9	-1,7	15,7	4,2	1,4	7,0	9,6	10,4
4.3 Transporte aéreo	10,0	-4,2	1,0	6,6	1,2	14,2	13,5	9,8	12,4	0,4	3,9
4.4 Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	-0,9	-2,7	0,3	-5,2	-1,8	-1,0	-3,2	-8,1	-4,2	-3,0	-0,1
<b>5. Outros serviços</b>	0,8	-0,4	0,3	-0,3	0,3	4,2	-1,6	4,2	1,0	0,5	1,4
<b>Atividades Turísticas<sup>2</sup></b>	3,8	-0,1	0,7	4,3	1,9	4,3	9,3	7,8	8,5	8,4	11,8

Fonte: PMS/IBGE.

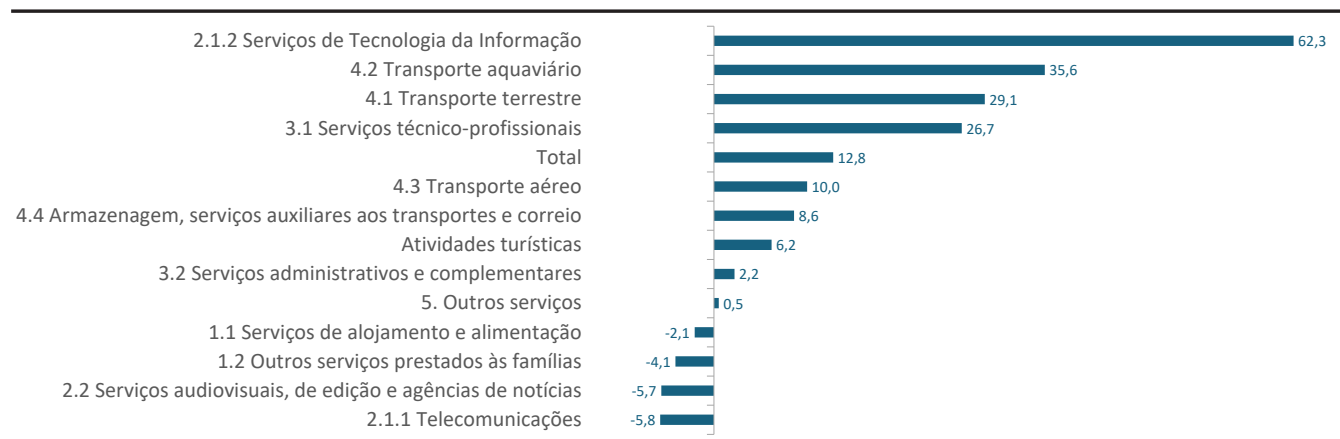
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

<sup>1</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

<sup>2</sup> Índice especial construído a partir de agrupamentos de segmentos associados à atividade de turismo.

GRÁFICO 9  
**Serviços: evolução do total e subsetores – séries dessazonalizadas (fev./2020-jul./2023)<sup>1</sup>**  
 (Variação acumulada em %)



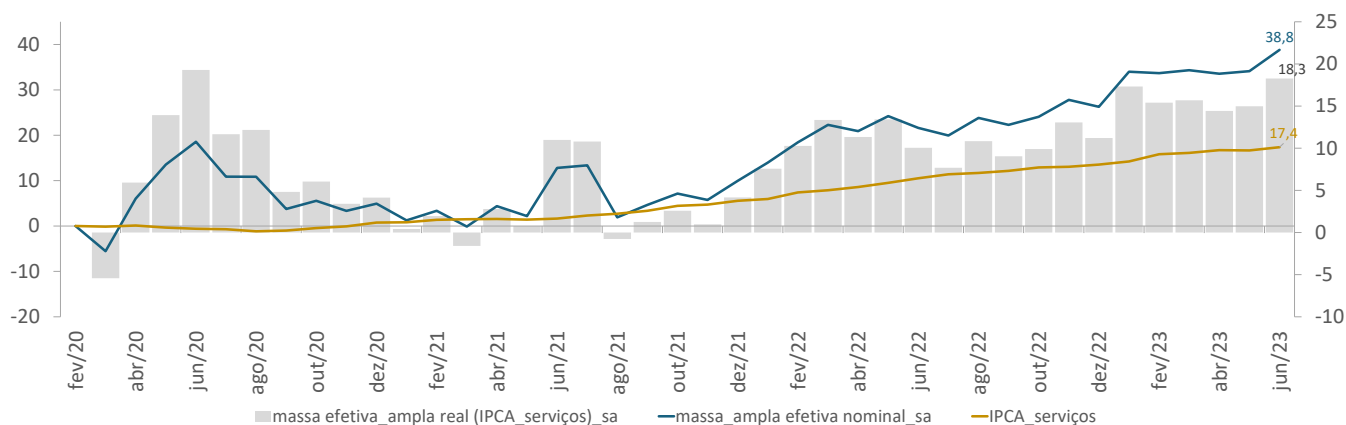
Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: <sup>1</sup> Base de fevereiro de 2020 igual a 0%.

GRÁFICO 10

Massa salarial ampliada real e componentes: deflator serviços IPCA (fev./2020-jun./2023)<sup>1</sup>  
(Variação acumulada em %)



Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Nota: <sup>1</sup> Base de dezembro de 2017 igual a 0%.

TABELA 9

Serviços: desempenho recente e previsão para agosto de 2023  
(Em %)

9A – Variação ante período anterior dessazonalizado

	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto
<b>Serviços</b>	2,7	-3,4	0,8	1,4	-1,6	0,0
Serviços prestados às famílias	2,4	-0,2	-0,9	-1,1	1,2	0,2
Serviços de informação e comunicação	-1,4	-0,3	1,4	1,4	-1,0	0,7
Serviços profissionais, administrativos e complementares	3,8	-2,6	-1,1	3,5	-0,6	0,9
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	2,8	-4,6	3,2	4,1	-4,4	-1,8
Outros serviços	9,6	-8,8	0,7	-0,7	-1,1	-0,4

< -8,8	< -5,8	< -2,7	< 0,4	< 3,4	>= 6,5
--------	--------	--------	-------	-------	--------

9B – Variação ante mesmo período do ano anterior

	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto
<b>Serviços</b>	6,5	2,8	5,1	4,0	3,5	2,3
Serviços prestados às famílias	3,2	2,8	2,4	5,3	4,9	4,4
Serviços de informação e comunicação	6,6	4,0	5,3	5,1	3,6	4,5
Serviços profissionais, administrativos e complementares	6,0	4,5	3,8	4,0	3,2	2,9
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	8,5	1,9	7,2	4,6	2,5	0,2
Outros serviços	0,5	-0,8	0,5	-1,6	4,2	-4,8

< -4,8	< -2,6	< -0,3	< 1,9	< 4,1	>= 6,3
--------	--------	--------	-------	-------	--------

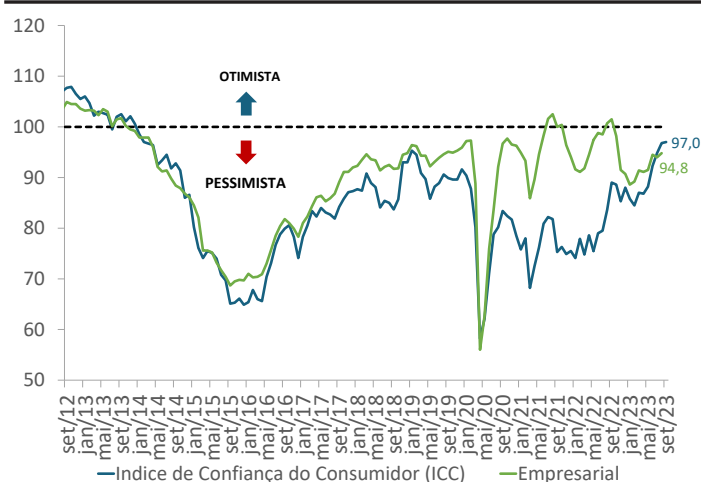
Fonte: Ipea e IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 5 Confiança

De acordo com as pesquisas Sondagens Setoriais, da FGV, enquanto o ICE atingiu o patamar de 94,8 pontos em agosto, aproximando-se do nível que indica otimismo, chama a atenção o comportamento do indicador de confiança dos consumidores, que atingiu em setembro 97 pontos, o maior patamar do indicador desde janeiro de 2014, quando atingiu 98,5 pontos. No relatório da pesquisa, o cenário mostra-se heterogêneo em relação às faixas de renda, em que a melhora dos indicadores nos dois horizontes pesquisados concentrou-se naquelas mais baixas, enquanto houve piora nas expectativas futuras das famílias com renda mais alta. Por fim, segundo o Índice dos Gerentes de Compras (Purchasing Managers' Index – PMI), calculado pela IHS Markit, o ritmo da atividade econômica em agosto permaneceu na zona que indica expansão, com destaque para a confiança do setor da indústria, em que as respostas indicaram expectativas positivas em relação à produção e às vendas.

GRÁFICO 11  
**Indicadores de confiança: empresários versus consumidores – séries dessazonalizadas (set./2012-set./2023)**  
 (Em pontos)



Fonte: IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac):**

Claudio Roberto Amitrano (Diretor)

Mônica Mora y Araujo (Coordenadora-Geral de Estudos e Políticas Macroeconômicas)

**Corpo Editorial da Carta de Conjuntura:**

Julia de Medeiros Braga (Editora)

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos

Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos

José Ronaldo de Castro Souza Júnior

Leonardo Mello de Carvalho

Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti

Maria Andréia Parente Lameiras

Mônica Mora y Araujo

Sandro Sacchet de Carvalho

Sergio Fonseca Ferreira

**Pesquisadores Visitantes:**

Ana Cecília Kreter

Andreza Aparecida Palma

Antônio Carlos Simões Florido

Cristiano da Costa Silva

Sidney Martins Caetano

**Equipe de Assistentes:**

Alexandre Magno de Almeida Leão

Antonio Henrique Carlota de Carvalho

Caio Rodrigues Gomes Leite

Camilla Santos de Oliveira

Diego Ferreira

Izabel Nolau de Souza

Marcelo Lima de Moraes

Tarsylla da Silva de Godoy Oliveira

**Design/Diagramação:**

Augusto Lopes dos Santos Borges

Leonardo Simão Lago Alvite

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

---